

A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) POR CRIANÇAS SURDAS NOS SEUS PRIMEIROS ANOS DE VIDA: CONTEXTO FAMILIAR EM FOCO¹

Ana Carolina Ribeiro Vieira

Graduanda em Pedagogia Bilíngue

Instituto Federal de Santa Catarina - Câmpus Palhoça Bilíngue

acrvvieira@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho contribui com pesquisas relacionadas à vinculação do contexto familiar e a aquisição da Língua Brasileira de Sinais por crianças surdas desde os seus primeiros anos de vida. Nesse sentido, teve como objetivo geral analisar a participação da família de dois surdos em seu processo de aquisição da língua de sinais. Especificamente, buscou investigar o contexto familiar da criança surda e discutir sobre a influência da família no comportamento da criança surda. Autores como Karnopp e Quadros (2001), Goldfeld (2002), Negrelli e Marcon (2008), Quadros e Cruz (2011), Goncalves (2015), Quadros (2017), Vilela e Martins (2019), entre outros contribuíram para esta pesquisa. Através das pesquisas exploratória e qualitativa, buscou-se colocar em foco o papel fundamental da família no processo da obtenção de uma linguagem que possibilita a construção e fortalecimento da identidade surda a partir de uma interação efetiva por meio do canal visual-espacial. Para explorar essa temática, uma entrevista semiestruturada foi realizada, através do Google Meet, com duas famílias de adolescentes surdos. A partir das informações coletadas, elaborou-se uma análise de dados para melhor entender a relação entre o ambiente familiar e a aquisição e uso da Libras pelo sujeito surdo. Foi possível concluir que a participação da família é elementar para o desdobramento do processo linguístico da criança surda, o que também envolve e se reflete em seu desenvolver emocional, cognitivo e social. Isso evidencia a importância da conscientização de familiares e da sociedade como um todo para o fato de que problemas e frustrações podem ser evitados uma vez que se entenda que uma comunicação adequada, por meio da Libras, deve ser estabelecida com a criança tão logo quanto possível para lhe dar a base de comunicação determinante para sua participação e desenvolvimento nos mais distintos meios.

Palavras-chave: Surdez. Família. Libras. Comunicação. Aquisição.

ABSTRACT

The present work contributes to research on the link between the family context and Brazilian Sign Language acquisition by deaf children in their first years of life. In this sense, the general objective was to analyze the participation of the family of two deaf children in their process of acquisition of sign language. Specifically, it sought to investigate the family context of the deaf child and discuss the family influence on the behavior of the child. Authors such as Karnopp and Quadros (2001), Goldfeld (2002), Negrelli and Marcon (2008), Quadros and Cruz (2011), Goncalves (2015), Quadros (2017), Vilela and Martins (2019), among others, contributed to

¹Este artigo foi apresentado no dia 30/08/21, como Trabalho de Conclusão de Curso, e foi aprovado pela seguinte comissão avaliadora: Bruna Crescêncio Neves (orientadora) e as professoras Débora Casali e Simone Gonçalves de Lima da Silva como membros da banca. A defesa ocorreu de forma remota por conta da Pandemia Coronavírus. A ata da defesa, com ciência e aceite por e-mail de todos os membros da banca e da acadêmica, foi arquivada no Registro Acadêmico do Câmpus Palhoça Bilíngue

this study. Through exploratory and qualitative research, the focus was on the family's fundamental role in obtaining a language that enables the construction and strengthening of deaf identity from an effective interaction through the visual-spatial channel. A semi-structured interview was conducted through Google Meet with two families of deaf adolescents to explore this theme. From the information collected, data analysis was prepared to understand better the relationship between the family environment and the acquisition and use of Libras by the deaf subject. It was possible to conclude that family participation is elementary to the unfolding of the linguistic process of the deaf child, which also involves and is reflected in their emotional, cognitive, and social development. This highlights the importance of awareness of family members and society as a whole to the fact that problems and frustrations can be avoided once it is understood that proper communication, through Brazilian Sign Language, should be established with the children as soon as possible to give them the basis of communication crucial to their participation and development in the most diverse environments.

Keywords: Deafness. Family. Brazilian Sign Language. Communication. Language acquisition.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, a Língua Brasileira de Sinais tem conquistado seu espaço na sociedade em razão do seu reconhecimento como forma de comunicação dos surdos brasileiros, garantindo-lhes o direito de se comunicar e interagir na sua própria língua materna pelo canal visual-espacial e, assim, construir sua identidade surda. Segundo Quadros (1997), a Libras trata-se de uma língua, pois possui estruturas gramaticais próprias, com níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos, como qualquer outra língua.

Dentre os vários aspectos explorados acerca da educação de surdos e da Língua Brasileira de Sinais, está o processo de aquisição da linguagem e o papel da família nesse processo. Como sabemos, a família tem um papel importante para a formação do ser humano desde os seus primeiros anos de vida, e para que essa formação se concretize é preciso que haja um canal de língua em comum, pois é na família que se dão os primeiros passos para o desenvolvimento pleno de cada indivíduo, nas relações de afeto e de experiências vivenciadas no núcleo familiar (e isso se faz através da comunicação entre a família e seus filhos) (NEGRELLI; MARCON, 2008).

Com o reconhecimento das línguas de sinais pela linguística, por meio do trabalho de Stokoe, e com a aprovação da Lei de Libras e do Decreto nº 5.626/2005 no Brasil, foram feitos estudos sobre a aquisição da língua de sinais por crianças surdas e como se dá essa aquisição da língua por elas (GONÇALVES, 2015). Quadros (2017) afirma que a aquisição da linguagem (e seus determinados estágios)

acontece da mesma forma por crianças surdas e crianças ouvintes. Tem-se como exemplo o balbucio nos primeiros meses de vida, sendo a língua de sinais para crianças surdas o *input* linguístico desejado para o seu desenvolvimento em um todo.

Considerando o momento atual, próximo a completar os 20 anos de existência da Lei de Libras que ampara o surdo ao direito de ter acesso à sua língua, percebe-se que ainda é uma barreira para o surdo adquirir essa língua desde os seus primeiros anos de vida. Conforme Guarinello (2004 apud NEGRELLI; MARCON, 2008), na grande maioria das vezes, os familiares não têm ideia de como se comunicar com esse sujeito surdo, tornando assim difícil a aquisição da Libras por crianças surdas de maneira natural, que é importante para o seu desenvolver cognitivo, linguístico e social.

Partindo disso, é válido destacar quão relevante é a aquisição de uma língua para que o aluno chegue à escola já com sua estrutura linguística formada (ou grande parte dela), facilitando seu ensino e aprendizagem.

Os estudos têm demonstrado que a criança surda passa por estágios de aquisição semelhantes aos ouvintes quando possuem contato com a língua de sinais desde a mais tenra idade. No entanto, essa não é a realidade para a maior parte dos surdos, pois eles estão inseridos em famílias ouvintes e contextos que não compartilham e não preconizam o uso da língua de sinais (QUADROS *et al.*, 2018, p. 132).

Por isso, há essa preocupação de como ocorre a aquisição da língua de sinais por essas crianças surdas e qual é a participação da família nesse processo importante para elas. Segundo Alves e Frassetto (2015), a forma como a criança surda é tratada na família será o espelho da imagem de si mesma, já que é na família que valores, crenças e costumes são passados de geração para geração através da linguagem.

Nesse sentido, justifica-se a relevância desse estudo a fim de contribuir para o conhecimento da importância da aquisição da Libras por crianças surdas desde os seus primeiros anos de vida, descrever os estágios da aquisição da linguagem e, seguindo nessa premissa, procurar saber qual o contexto familiar em que as crianças surdas estão inseridas, sendo a família a base para que essa criança surda se desenvolva e adquira sua língua L1 (Libras) de maneira natural e desejada para seu desenvolvimento pessoal.

O presente trabalho tem como pergunta de pesquisa: qual a participação da família no processo de aquisição da Libras nos primeiros anos de vida da criança

surda? A partir desse questionamento, o objetivo geral é analisar a participação da família no processo de aquisição da língua de sinais. Especificamente, pretende-se investigar o contexto familiar da criança surda e discutir sobre a influência da família em seu comportamento. Para isso, realizou-se uma entrevista semiestruturada com duas famílias de adolescentes surdos e uma análise de dados com contribuições deste estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A formação da linguagem do ser humano e dos animais é logicamente diferente entre as espécies. Segundo Grolla e Silva (2014), enquanto a fala do homem possui características adequadas, como a semântica e o pragmatismo ao contexto, a fala do animal não tem pertinência. Não há comunicação para o animal pois o som que ele produz não faz sentido para ele mesmo, embora muitos apresentem sistemas sofisticados de comunicação, como as abelhas que produzem uma dança para informar a que distância da colmeia e em que direção fica a fonte para a extração do pólen.

A linguagem humana é um sistema de comunicação extraordinário por possuir propriedades que, em certos graus, se distinguem dos sistemas de comunicação dos outros animais e

[...] toda criança normal adquire uma língua natural, sem nenhum treinamento especial e sem um *input* linguístico sequenciado, ou seja, sem nenhuma preocupação com a ordem em que as sentenças são faladas às crianças. Essa propriedade da aquisição da linguagem é chamada de universalidade. Embora as línguas naturais sejam muito diversas, o curso de aquisição da linguagem é o mesmo em qualquer língua, como tem sido observado translinguisticamente. Para explicar o processo de aquisição de linguagem, uma teoria linguística tem de dar conta dessa universalidade da linguagem e responder o que é especial sobre linguagem, e sobre às crianças, que garante que elas irão dominar um sistema de regras rico e complexo num período em que elas estão apenas entrando em idade escolar (CRAIN; LILLO-MARTIN, 1999 apud GROLLA, 2009).

Grolla (2009) também cita outra característica de aquisição da linguagem que é a uniformidade: crianças de uma mesma comunidade têm experiências linguísticas bem variadas e mesmo recebendo *inputs*² diversos, elas sempre acabam aprendendo a mesma língua.

²Segundo o Dicionário Online de Português (2021), *input*, na Linguística, refere-se ao “Conjunto das informações que alguém assimila ao ouvir uma língua no momento em que ela está sendo utilizada” e

Outro ponto a ressaltar é que algumas crianças aprendem várias línguas, apesar de a maioria aprender apenas uma. Em comunidades onde mais de uma língua é falada, as crianças aprendem todas as línguas da comunidade. Nesse sentido, a aquisição de linguagem é uma função do *input*. Se uma criança filha de brasileiros é levada para a China, ela aprenderá chinês. Se uma criança filha de chineses for levada para a França, ela aprenderá francês. Assim, a língua dos pais não determina que língua a criança falará; o que determina a língua da criança é a língua que é falada ou sinalizada ao seu redor. Assim, toda criança exposta ao inglês falará inglês, toda criança exposta a língua de sinais brasileira sinalizará a língua de sinais brasileira e assim por diante (GROLLA, 2009, p. 4).

Além disso, a autora (2009) também diz que o processo de aquisição de linguagem é muito rápido, que toda a complexidade de uma língua já pode ser adquirida por uma criança por volta dos 4 anos de idade no meio em que está inserida, antes mesmo de frequentar uma escola. Nessa fase, o vocabulário se estende a cada interação e se desenvolve com o tempo, nos diferentes estágios de aquisição de uma língua.

Todas essas características em relação ao desenvolvimento da linguagem podem ser observadas no processo de aquisição das crianças surdas. No entanto, em razão da modalidade da língua — visual/espacial — e de outros fatores, há algumas especificidades que são inerentes aos surdos e que serão discutidas na seção a seguir.

2.1 Aquisição da linguagem em crianças surdas

Gesser (2009) diz que a língua de sinais possui todas as características de uma língua natural. Apesar de ser uma língua visual-espacial, isso não a faz menos importante quando comparada a outras línguas. Através da língua de sinais pode-se expressar sentimentos, emoções, ideias e conceitos abstratos; é possível discutir filosofia, política, literatura, assuntos do dia a dia; consegue-se narrar histórias, contar piadas, e também fazer apresentações acadêmicas. A língua de sinais é rica e carrega consigo toda uma cultura e identidade surda.

Segundo Quadros e Cruz (2011), há diferentes contextos de aquisição de uma língua para a criança surda e isso tem a ver com o meio em que a criança está inserida e se relaciona. O primeiro ambiente que as autoras citam é o do lar, onde os pais ou parentes próximos podem ser ouvintes que sabem a língua de sinais ou surdos

deriva do inglês, do qual é traduzida como “entrada”.

usuários dessa língua, e também pode acontecer de apenas um dos pais ser surdo, por exemplo.

Outro lugar que possibilita a aquisição da linguagem para o surdo é a escola, mediante o contato com professores surdos ou até mesmo o intérprete de língua de sinais. Igualmente, pode haver interação com a língua pelo convívio clínico, tanto antes de ingressar na escola quanto concomitantemente com atendimentos especializados. Há algumas clínicas que oferecem atendimentos na abordagem bilíngue, considerando a língua de sinais como primeira língua e a língua escrita como segunda.

Os estudos realizados sobre o processo natural da linguagem por crianças surdas dependem também dos profissionais envolvidos no diagnóstico e intervenções terapêuticas, que devem considerar que a língua de sinais será o melhor meio de acesso a uma comunicação associada a reais possibilidades no desenvolvimento cognitivo e social (QUADROS; CRUZ, 2011).

Como a língua de sinais é sempre mais rapidamente adquirida que a oral, o sistema conceitual da criança, de início, é formado principalmente através dela. Assim, a aquisição da língua de sinais pela criança surda em idade semelhante à aquisição da língua oral pela criança ouvinte tende a evitar o atraso de linguagem e suas consequências no desenvolvimento infantil (RODRIGUERO; YAEGASHI, 2013, p. 54).

Em relação ao diagnóstico precoce, Quadros e Cruz (2011) comentam que é fundamental a realização de exames de audiometria em bebês assim que nascem. Há exames que detectam perdas e o tipo de grau de audição, e também exames que realizam investigações sobre as causas que acarretaram a surdez.

Hoje, no Brasil, a idade média do diagnóstico da deficiência auditiva está em crianças de 3 a 4 anos de idade (SILVEIRA, 1992 apud QUADROS; CRUZ, 2011). Os especialistas recomendam avaliar as condições das crianças quando nascem ou até os três meses de vida e, caso seja confirmado a perda auditiva, o aconselhado é receber intervenção educacional até os 6 meses de idade (ISAAC; MANFREDI, 2005 apud QUADROS *et al.*, 2018).

Por isso, enfatiza-se que sejam realizados exames de audiometria em bebês com suspeita de perda de audição desde o mais cedo possível, para que seja ofertada uma abordagem terapêutica que atenda às necessidades da criança, e que seja permitida a ela a aquisição de uma língua natural, na qual ela se pertencerá por

completo, sendo a modalidade visuoespacial a mais adequada (QUADROS; CRUZ, 2011).

Após o diagnóstico, a forma de comunicação entre os pais e o filho surdo pode ou não se modificar. O acesso às informações sobre a surdez e o desenvolvimento da criança surda, a conscientização da necessidade de a criança adquirir uma língua de sinais (visuoespacial), o reconhecimento da importância em aprender a língua de sinais para se comunicar com a criança, o conhecimento e a troca de experiências com os pais de crianças surdas, que utilizam a língua de sinais, a possibilidade de receber apoio emocional, a abordagem terapêutica indicada pela fonoaudióloga (oral ou bilíngue), a indicação de aparelhos auditivos, e a indicação de implante coclear são alguns dos fatores que podem exercer grande influência no processo de aquisição da linguagem da criança surda, contribuindo para que a criança tenha um processo de aquisição normal ou alterado (QUADROS; CRUZ, 2011, p. 28).

Segundo Quadros (1997), nos últimos anos, as pesquisas realizadas com crianças surdas filhas de pais surdos sobre a aquisição da ASL (Língua Americana de Sinais) afirmam que essa pode ser comparada à aquisição das línguas orais pelos ouvintes. A autora (1997) apresenta quatro estágios no processo de aquisição das línguas de sinais, sendo estes: período pré-linguístico, estágio de um sinal, estágios das primeiras combinações e estágio das múltiplas combinações.

Conforme os estudos realizados por Petitto & Marantette (1991 apud QUADROS, 1997), o período pré-linguístico ocorre do nascimento até os 14 meses de vida, sendo o balbucio oral e manual igual para todos os bebês, independente se são surdos ou ouvintes. Com o tempo, o que irá interromper no bebê surdo (balbucio oral) e no bebê ouvinte (balbucio manual) é o *input* fornecido no meio familiar no qual cada criança está inserida.

O estágio de um sinal, de acordo com Quadros (1997), se inicia por volta dos 12 meses até por volta dos dois anos de idade. Foi observado que as crianças surdas até um ano de idade costumam apontar para pessoas ou objetos quando querem algo e, quando a criança entra no estágio de um sinal, o uso de apontamento pelas crianças surdas desaparece. Nesse momento, elas começam a visualizar elementos gramaticais da língua de sinais e realizar seus primeiros sinais.

O estágio das primeiras combinações se inicia por volta dos dois anos de idade da criança surda. Nessa fase, as crianças já começam a usar palavras nas ordens gramaticais, SV (sujeito-verbo), VO (verbo-objeto) ou SVO (sujeito-verbo-objeto). Meier (1980 apud QUADROS, 1997) diz que as crianças surdas adquirem duas estratégias para as relações gramaticais: incorporação e ordem das palavras, nas

quais usam verbos simples, verbo de concordância, aquisição de sistema pronominal e sistema pronominal inconsistente. A ideia de que a gesticulação pode funcionar linguisticamente é tão forte que anula a transparência indicativa de apontação.

Já no estágio das múltiplas combinações, as crianças surdas passam por uma “explosão de vocabulário”, que ocorre por volta dos dois anos e meio a três anos de idade (QUADROS, 1997). Ocorrem erros gramaticais na língua de sinais como ocorre, igualmente, com crianças ouvintes na língua oral. Por exemplo, o erro “eu sabo” da língua oral pode ocorrer na pronúncia dos sinais.

A partir dos 3 anos de idade, as crianças começam a usar referentes não presentes, utilizam iconicidade e concordância verbal. Aos 5 anos de idade, conseguem contar histórias e fatos mais complexos e, aos 6 e 7 anos de idade, já logram se comunicar com qualquer pessoa sobre o que têm feito e experienciado.

Como mencionado, as crianças surdas passam pelos estágios de aquisição da linguagem, etapas importantes para o seu desenvolvimento linguístico. Segundo Goldfeld (2002, p. 41), a “[...] língua de sinais é a única língua que de fato pode suprir as necessidades de uma pessoa surda por completo, sejam elas na interação, na comunicação, sem prejuízos cognitivos”. A mesma autora aponta que:

[...] se a criança surda não for exposta à língua de sinais desde seus primeiros anos de vida sofrerá várias consequências. São elas:

- a) Este (o surdo) perde a oportunidade de usar a linguagem, senão o mais importante, pelo menos um dos principais instrumentos para a solução de tarefas que se lhe apresentam no desenvolvimento da ação inteligente;
- b) o surdo não há de recorrer ao planejamento para a solução de problemas;
- c) não supera a ação impulsiva;
- d) não adquire independência da situação visual concreta;
- e) não controla seu próprio comportamento e o ambiente; não se socializa adequadamente (GOLDFELD, 2002, p. 41).

Ao adquirir uma língua tardiamente, a criança terá consequências no decorrer de sua vida, sejam elas emocionais, sociais ou cognitivas (GOLDFELD, 2002). A autora (2002) enfatiza que, ao sofrer atraso de linguagem, a criança surda é impactada em sua função comunicativa, o que engloba também a função de organização do pensamento.

Ao analisar os casos de surdos que não têm acesso à língua alguma, percebe-se que esses sujeitos estão proibidos de participar de atividades diárias pelo fato de não conseguirem se comunicar e estarem sem acesso a informações importantes. A falta de uma língua gera barreiras para as pessoas surdas serem inseridas na sociedade.

[...] Esta afirmação tem grande relevância para o estudo do desenvolvimento da criança, marcando a importância das relações sociais e linguísticas na constituição do indivíduo e apontando o meio social como o foco de análise nos casos de linguagem em crianças. Trazendo estas afirmações para a problemática do surdo, percebe-se que os problemas comunicativos e cognitivos da criança surda não têm origem na criança e sim no meio social em que ela está inserida, que frequentemente não é adequado, ou seja, não utiliza uma língua que esta criança tenha condições de adquirir de forma espontânea, a língua de sinais (GOLDFELD, 2002, p. 56).

Segundo Vilela e Martins (2019), as crianças que nascem surdas começam a se desenvolver e interagir com o meio conforme os estímulos linguísticos recebidos. Isso significa que para que a língua de sinais seja de fato concretizada é necessário a exposição a ela. As autoras também citam Dizeu e Caporali:

Há então a necessidade de se colocar a criança surda próxima de seus pares o mais rápido possível, ou seja, em contato com um adulto surdo, fluente em Libras, que será para essa criança o meio mais fácil de propiciar sua aquisição de língua. Nestas condições, adquirindo a Libras, ela se tornará capaz de significar o mundo. As experiências mais promissoras indicam para a necessidade de atuação direta dos adultos surdos sinalizadores com os surdos que não têm acesso à língua de sinais, para que esse se dê de forma rápida e eficiente, além de isso contribuir para a formação da identidade de pessoa surda desses sujeitos (2005, p. 588 apud VILELA; MARTINS, 2019, p. 637).

Os danos cognitivos são oriundos do atraso da linguagem para as pessoas surdas e a comunidade em geral não tem esse conhecimento — ou seja, a sociedade vê esse sujeito surdo como um ser incapaz intelectualmente. Lacerda e Mantelatto (2000 apud GONÇALVES, 2015) dizem que ao expor a criança surda a língua de sinais o mais cedo possível, a aquisição dessa língua irá proporcionar a ela seu pleno desenvolvimento linguístico e, por conseguinte, seu pleno desenvolvimento cognitivo e social, dentre outros fatores.

2.2 Família e a criança surda

Na seção anterior, comentou-se sobre a aquisição da linguagem por crianças surdas e como se dá esse processo. Autores como Quadros (1997), Brito e Dessen (1996), Guarinello (2004), Negrelli e Marcon (2008), Quadros e Cruz (2011) e Rodriguero e Yaegashi (2013) trouxeram pesquisas que contribuem para o desenvolvimento da linguagem por crianças surdas. Este tópico, por sua vez, traz reflexões sobre o contexto da família, sobre o diagnóstico da surdez e sobre a

pertinência do aprendizado da língua de sinais pelos familiares para, assim, propor uma melhor relação entre a família e a criança.

Brito e Dessen (1996 apud NEGRELLI; MARCON, 2008), afirmam que uma boa aliança familiar é fundamental para a aceitação de uma criança surda. Essa boa relação entre a criança e a família acontece por meio do diagnóstico precoce, uma interação efetiva e também através do processo correto comunicacional para a criança surda.

Guarinello (2004) caracteriza a família como o lugar ideal para se iniciar o atendimento de base para os surdos. Destaca a família como a primeira escola responsável pelas capacidades desenvolvidas das crianças. Saliencia a importância de seus pais e mães preparados e conscientes de seu papel para obter o aproveitamento de todas as oportunidades geradas no lar. Assim como Guarinello (2004) estudos da divisão de Educação de e Reabilitação de Distúrbios da Comunicação - PUC (1999) ressaltam o papel da família como cooperadora para o processo de desenvolvimento do surdo no sentido de garantir a esse indivíduo um futuro de independência e produtividade na sociedade. Também concebe a escola e a comunidade como parceiras, desenvolvendo no surdo a sua autoestima e independência para escolher seu modelo de vida (GUARINELLO, 2004 apud NEGRELLI; MARCON, 2008, p. 101).

Brito e Dessen (1999 apud NEGRELLI; MARCON, 2008) dizem que o primeiro passo a ser dado ao receber o diagnóstico da surdez de um filho é a aceitação de mudança de hábito que irá surgir na família, a adaptação aos acontecimentos e desenvolvimentos que terão com os seus filhos, buscando encarar desafios sempre ao lado deles.

Segundo Quadros e Cruz (2011), o processo de aprendizagem da língua de sinais por pais ouvintes ocorre concomitantemente ou posterior à aquisição da linguagem do filho surdo.

Há pais que defendem o bilinguismo para os seus filhos, mas não são usuários da língua de sinais, fazendo apenas o uso da língua oral. As autoras (2011) também expõem que as crianças surdas, quando estão no período crítico da aquisição da linguagem, aprendem super rápido: há uma explosão de vocabulário nesse período — inclusive em pais ouvintes, que relatam aprender língua de sinais com os próprios filhos.

Pais ouvintes de crianças surdas ficam surpresos quando descobrem ser possível a aquisição de uma língua por crianças surdas e que é elementar que essa língua — isto é, a língua de sinais — seja estimulada na família, nas sessões de terapia e na escola. Com isso, é possível notar quão significativo é informar aos

familiares dos surdos quais as consequências que a criança surda terá ao adquirir uma língua de sinais tardiamente (QUADROS; CRUZ, 2011).

A maioria dos pais desconhece as possibilidades da criança utente da língua de sinais ter as fases do desenvolvimento linguístico muito semelhantes à criança ouvinte. Os pais precisam ser informados a respeito dos estudos relacionados à aquisição normal da linguagem em crianças surdas, possibilitando estabelecer os mesmos parâmetros de observação do comportamento linguístico em uma nova modalidade: visuoespacial. Assim, os pais sentem-se capazes de utilizar seus conhecimentos também na observação do desenvolvimento linguístico de seu filho. Os esclarecimentos são fundamentais para que os pais possam se envolver com essa nova forma de comunicação, inclusive para que proporcionem o desenvolvimento linguístico na primeira língua de seu filho, a língua de sinais (QUADROS; CRUZ, 2011, p. 38).

Conforme Quadros e Cruz (2011), os pais ouvintes, ao se sentirem confortáveis e com esperança em aprender uma nova língua através de cursos com professores surdos, terão maior possibilidade de se comunicarem com seus filhos surdos e engrandecer a relação entre eles mesmos.

As autoras (2011) escrevem ainda que quando a criança surda possui pais fluentes na língua de sinais, sente-se pertencente à família e a comunicação entre eles se efetiva: o laço entre filho surdo e pais ouvintes é fortalecido, fazendo com que aquele se expresse melhor, transmita o que pensa e sente. O desenvolvimento linguístico e cognitivo da criança se desenvolve melhor uma vez que a comunicação na família se dá por língua de sinais.

A criança surda, com pais fluentes na língua de sinais, integra-se à família como participante, pois participa do dia a dia, quer saber e consegue saber o que está sendo dito pelas pessoas e pelos meios de comunicação. Os pais, então, estabelecem uma relação comunicativa efetiva com o seu filho, fortalecendo a relação pai e filho. Nesse processo os pais passam a compreender o filho e o filho passa a compreender os seus pais. As crianças têm a oportunidade de expressar para a família o que pensam, sentem, imaginam e o que não sabem, estabelecendo trocas comunicativas efetivas. Além das relações fortalecidas, há um desenvolvimento linguístico e cognitivo mais consistente, pois a criança começa a elaborar informações por meio da língua de sinais e ter acesso às informações cotidianas não restritas apenas ao espaço clínico e/ou escolar (QUADROS; CRUZ, 2011, p. 39).

Sendo assim, quando a família tem conhecimento do papel da língua de sinais na formação da criança procura ajudar e estar a par das reais necessidades de seu filho surdo, oferecendo desde o seu nascimento a sua primeira língua. Se não houver essa conscientização por parte dos familiares, a falta da língua ideal na formação da criança acarretará danos cognitivos e sua comunicação será limitada. A aquisição de uma língua de sinais, a construção identitária e cultural para a criança surda evitará

com que a mesma sofra com o atraso da linguagem e de todos os desenvolvimentos posteriores à linguagem (como cognitivo e emocional) (RODRIGUERO; YAEGASHI, 2013).

Segundo Quadros *et al.* (2018), a Língua Brasileira de Sinais é usada com a finalidade dos surdos se comunicarem com os seus amigos; também se faz necessária na comunicação entre professores e alunos surdos na escola, onde há uma troca diária de ideias; e, claro, é de grande valor nos relacionamentos da família. Portanto, para que o processo de aquisição de uma língua para as crianças surdas se concretize, o acesso às informações que os pais terão sobre a surdez e a língua de sinais é extremamente crucial. Também se deve considerar a importância de os pais aprenderem a Libras com seus filhos para concretizar um laço efetivo de comunicação familiar, mesmo entre línguas distintas (QUADROS; CRUZ, 2011).

3 METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, optamos pela pesquisa qualitativa, pois segundo Bogdan e Biklen (1982 apud LÜDKE e ANDRÉ, 1986), envolve a obtenção dos dados descritivos, do pesquisador com o seu instrumento a ser estudado, reforça o processo que se dá a pesquisa e com as perspectivas dos participantes. Segundo os autores (1982), a pesquisa qualitativa dá ao pesquisador contato direto e prolongado com o ambiente a ser estudado.

Este escrito caracteriza-se também como um estudo de caso, que é bem delimitado e com os pontos a serem explanados claramente definidos, em conformidade com Lüdke e André (1986).

O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular. Segundo Goode e Hatt (1968), o caso se destaca por se constituir numa unidade dentro de um sistema mais amplo. O interesse, portanto, incide naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que posteriormente venham a ficar evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações. Quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo, devemos escolher um estudo de caso (GOODE E HATT, 1968 apud LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 17).

A fim de alcançar os objetivos traçados neste trabalho, escolhemos a entrevista semiestruturada como instrumento que, segundo Boni e Quaresma (2005), pode conter perguntas abertas e fechadas. O pesquisador precisa seguir com perguntas já pré-definidas. Esse tipo de entrevista é muito utilizado para quando o entrevistador

quer ter um número de respostas expressivas para que, assim, seus objetivos sejam traçados. A vantagem de usufruir de uma entrevista semiestruturada é que ela dá ao pesquisador informações imediatas que foram previamente almejadas. No entanto, segundo Lüdke e André (1986), a entrevista ganha vida no momento em que ocorre a interação entre o entrevistador e o entrevistado, proporcionando ao entrevistador mais liberdade nas perguntas e nas adaptações que possam surgir.

Para o presente trabalho, a entrevista teve a participação de duas famílias ouvintes que possuem no núcleo familiar adolescentes surdos, chamados nesta pesquisa de adolescente A e adolescente B. Os dois surdos têm 17 anos de idade. A escolha das famílias se deu por dois motivos, o primeiro foi pelo fato de os adolescentes terem sido diagnosticados com surdez ambos com 1 ano e meio de idade e o segundo motivo foi que as famílias tiveram orientações de médicos distintas entre uma família e outra e assim ocasionou escolhas distintas, uma família optou por abordagens mais amplas como fonoterapia, aparelho auditivo e principalmente o uso da Libras e a outra família optou pelo implante coclear.

Devido ao momento atual de pandemia, optou-se como medida de segurança realizar a entrevista *on-line*. Foi usado o *Google Meet*, que é um aplicativo conectado com o Google. Para acessá-lo, basta entrar em um navegador da Web ou baixar o aplicativo. Através disso, foi possível realizar e gravar as entrevistas com as famílias.

A entrevistadora e os entrevistados são usuários da Língua Portuguesa e as entrevistas aconteceram nessa língua. Os encontros foram agendados antecipadamente de acordo com a disponibilidade das famílias, além de ter sido entregue a elas o termo de consentimento livre e esclarecido.

Logo abaixo, segue uma tabela com as perguntas feitas às famílias. Vale ressaltar que elas foram iguais para as duas famílias, que eram livres para responder ou não.

Quadro 1 – Lista de perguntas usadas nas entrevistas

1) Com quantos anos o adolescente surdo estava quando foi diagnosticada a surdez?
2) Ao ser diagnosticada a surdez, qual encaminhamento vocês procuraram de imediato e quais orientações receberam?
3) Qual meio optaram por seguir a partir das orientações?
4) Com quem o adolescente reside?
5) Como conheceram a Libras?

6) Com qual idade ocorreu a aquisição da Libras e em qual contexto ocorreu o primeiro contato com a Libras? Como foi?
7) Como iniciou a participação da família nesse processo? Vocês estavam presentes? Aprenderam juntos?
8) Vocês incentivam e acham importante o adolescente aprender Libras e sabem que esse é o melhor desenvolvimento para ele?
9) Vocês participam e lutam pelos direitos a uma educação bilíngue para ele (a)?
10) Entendem o que é uma educação bilíngue?
11) Os demais parentes tentam se comunicar com o surdo?
12) Vocês, hoje, conseguem se comunicar com o adolescente? Atendem as necessidades dele?

Fonte: autoria própria (2021)

Após a realização das entrevistas, foi realizada uma análise de dados das respostas obtidas com as duas famílias. Segundo Moraes (2003), as pesquisas qualitativas estão sendo muito utilizadas nas análises textuais, seja por intermédio de textos já prontos ou de análise de entrevistas e observações. A pesquisa qualitativa pretende estudar e atingir os fenômenos a partir de uma análise de dados mais criteriosa. Para a realização de uma análise de dados, é preciso estabelecer os tópicos a seguir:

1. Desmontagem dos textos, também denominado de processo de unitarização, implica em examinar os materiais em seus detalhes, fragmentando-os no sentido de atingir unidades constituintes, enunciados referentes aos fenômenos estudados.
2. Estabelecimento de relações, processo denominado de categorização, implicando construir relações entre as unidades de base, combinando-as e classificando-as no sentido de compreender como esses elementos unitários podem ser reunidos na formação de conjuntos mais complexos, às categorias.
3. Captando o novo emergente, a intensa impregnação nos materiais da análise desencadeada pelos dois estágios anteriores possibilita a emergência de uma compreensão renovada do todo. O investimento na comunicação dessa nova compreensão, assim como de sua crítica e validação, constituem o último elemento do ciclo de análise proposto. O metatexto resultante desse processo representa um esforço em explicitar a compreensão que se apresenta como produto de uma nova combinação dos elementos construídos ao longo dos passos anteriores. [...]
4. Um processo auto organizado, o ciclo de análise descrito, ainda que composto de elementos racionalizados e em certa medida planejados, em seu todo constitui um processo auto-organizado do qual emergem novas compreensões [...] (MORAES, 2003, p. 191, 192).

Após as entrevistas foram feitas as transcrições dos dados e a organização das categorias de análise. A entrevista da família A teve duração de quarenta e oito minutos e doze segundos (48' 15'') e a da família B vinte e oito minutos e quarenta e

dois segundos (28' 42").

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na seção a seguir, apresenta-se os resultados obtidos a partir das entrevistas das duas famílias, onde contam sobre seus filhos surdos, as escolhas feitas por elas a partir das informações que lhe foram passadas, a comunicação em família através da língua de sinais e sobre a visão da família perante a língua de sinais e a uma educação bilíngue.

A partir dos objetivos da pesquisa e com base na metodologia adotada para análise de dados, organizamos os resultados em quatro tópicos.

4.1 Os familiares e as histórias narradas por eles sobre o contexto de vida dos seus filhos surdos

Participaram desta pesquisa duas famílias, cada uma com filhos surdos, um filho com surdez adquirida e outro com surdez congênita. O critério de escolhas das famílias se deu em razão das diferentes experiências com a aquisição e a participação dos pais nesse processo. A partir disso, pretendemos refletir sobre como a participação das famílias e as escolhas feitas impactam na aquisição da língua de sinais para o sujeito surdo desde a tenra idade.

As duas famílias residem no estado de Santa Catarina e os nomes das famílias não serão revelados conforme exposto no termo de consentimento livre e esclarecido, logo, serão referenciadas como família A e família B. É importante destacar que as famílias são ouvintes, sem nenhum outro membro surdo, além dos adolescentes.

A família A (FA) é composta por quatro membros: mãe, pai, uma filha mais nova e a filha surda que é a mais velha, com 17 anos de idade. A surdez dela foi congênita, descoberta quando ela tinha 1 ano e 4 meses de idade.

A família B (FB) é composta por mãe, padrasto e o filho surdo com 17 anos de idade. A surdez dele foi adquirida, e diagnosticada quando ele tinha mais ou menos 1 ano e meio de idade. Ele também foi diagnosticado um espaço no cérebro de 9 milímetros que não afeta a audição nem a fala, só afeta a coordenação motora do lado

esquerdo. Nos primeiros testes de audição, os exames apontavam que ele escutava. Quando ele tinha 1 ano e meio, foi diagnosticado que ele estava perdendo a audição.

4.2 Escolhas iniciais dos familiares a partir do diagnóstico de surdez dos seus filhos

Para que a aquisição da linguagem de uma criança surda possa ocorrer de maneira natural, é fundamental, além do acesso à língua de sinais, as informações que os pais/familiares receberão após o diagnóstico de surdez dos seus filhos, uma vez que a forma como a família faz suas primeiras escolhas, impactará no desenvolvimento das crianças e das famílias também. Uma pesquisa feita por Quadros (2008) sobre a aquisição da linguagem por crianças surdas, aponta que a partir do momento que a família tem acesso às informações e reconhece de fato que a língua de sinais é o mais adequado para seu filho surdo, e permite que a criança tenha o contato com a língua precocemente, fará toda diferença no seu desenvolvimento linguístico.

Além disso, o contexto em que a criança surda está inserida e a apropriação da língua de sinais pelos familiares ouvintes também irá implicar no desenvolvimento da criança surda e promover um laço afetivo entre a família e a criança. Se não houver essa conexão de comunicação, muitos pais deixam de serem entendidos pelos seus filhos surdos por muito tempo devido à falta de interação (QUADROS; CRUZ, 2011).

A Família A diz que assim que foi diagnosticada a surdez de sua filha, procuraram de imediato os tratamentos que lhes foram oferecidos na época. O atendimento se iniciou em uma clínica especializada em reabilitação auditiva que era referência em sua cidade, onde a surda passou por vários profissionais, e a fonoterapia foi uns dos principais que ela frequentava nessa clínica. A família cita que os atendimentos feitos por esses profissionais eram realizados através da Libras, porém lá dentro não havia profissionais que ensinassem a língua de sinais de fato, pois a família sentiu essa necessidade, que ensinassem Libras dentro da clínica, pelo fato de a filha surda frequentar esse local assiduamente.

Com essa indagação da mãe, a clínica acabou indicando um local situado na cidade de Palhoça/ SC, onde ofertada o ensino de Libras na modalidade AEE (Atendimento Educacional Especializado), mesmo a criança tendo apenas 1 ano e meio de idade ela começou a frequentar o AEE concomitantemente com os

atendimentos realizados na Clínica de reabilitação auditiva. O ensino da língua era ofertado por uma professora surda, com isso a família e a filha surda começaram logo a frequentar.

[...] Assim que descobrimos a surdez, já iniciamos todos os tipos de atendimentos que a gente achava que seriam ideais para atender a necessidade e comunicação dela em específico né, então tudo que eles pediam pra gente fazer, a gente corria atrás e fazia. Ela frequentou a Clínica de reabilitação auditiva, o latel, o AEE, a FCEE (Fundação Catarinense de Educação Especial) [...], com 1 ano e meio de idade ela já começou a aprender Libras e nós juntos também iniciamos esse processo junto (risos) (FA).

Conforme observado, a família A buscou desde os primeiros anos de vida o acesso à língua de sinais e, certamente, tal escolha impactou positivamente o desenvolvimento linguístico dessa criança surda. Segundo Quadros e Cruz (2011), a aquisição da linguagem de um bebê ocorre precocemente assim que ela começa a ter contato com o seu meio. Através das interações com pessoas e suas línguas, seja ela ouvindo ou vendo, a criança vai passar por estágios e fases mais complexas da aquisição da linguagem e posterior a isso a criança começa a falar ou sinalizar com mais propriedade, acionando assim sua capacidade para a linguagem humana. No caso da família A, podemos observar esse processo natural de aquisição da linguagem, como no excerto abaixo:

[...] mas Libras era o essencial, a gente nunca deixou de levá-la e ela também sempre gostou muito. A gente sempre comenta assim: qual palavra meu filho vai falar primeiro, vai ser mamãe ou papai? E a filha surda foi cachorro, porque a professora que atendia no AEE, ela morava perto da nossa casa, então antes de levá-la no AEE, eu levei ela na da casa da professora, porque naquele momento a cadela da professora tinha tido cria de cachorrinhos, [...] a professora fez o sinal de cachorro, e ela fez o sinal igual de cachorro, a primeira palavra que ela falou em Libras foi cachorro, não foi papai nem mamãe, foi cachorro pra ninguém brigar (risos) (FA).

A família B relatou que quando o filho surdo tinha 1 ano e meio de idade, ele e sua avó tinham ido a uma festa junina, e lá foi estourado um rojãozinho típico dessas festas. Com isso a avó se assustou, mas o filho surdo não havia se assustado com o barulho. A partir dessa desconfiança, levaram a criança para realizar um exame de audiometria e foi constatada a perda de audição. Após feito o diagnóstico de perda de audição, os encaminhamentos pelos médicos foram outros, sendo assim a família optou pela abordagem terapêutica aconselhada na época pelos médicos.

Como ele estava perdendo a audição, o próprio otorrino sugeriu que ele fizesse o implante coclear, e aí começamos a ir atrás dos exames e

papeladas para realizar a cirurgia [...], quando ele tinha 5 anos de idade foi feita a cirurgia do implante coclear. Conforme orientações médicas, eu tentei não introduzir a Libras ao máximo, [...] ele começou a aprender Libras em torno de 9 a 10 anos de idade (FB).

Após o diagnóstico da surdez, cabe à família decidir qual abordagem terapêutica irá propor para seu filho. Os médicos e os fonoaudiólogos podem indicar várias abordagens para auxiliar no desenvolvimento dessas crianças surdas. Mas, sabemos que a abordagem mais recomendada por eles hoje ainda é a abordagem oralista e o uso de aparelhos auditivos. Porém, alertamos que o uso de implante coclear, e a realização de fonoterapia assiduamente não fará com que a criança tenha acesso a língua oral de forma espontânea, pois o aparelho e o implante detectam apenas os sons do ambiente, a voz humana muitas vezes não é detectada (QUADROS; CRUZ, 2011).

[...] a gente na verdade era leigo no assunto, então tudo que eles indicavam a gente procurava fazer, tanto que assim eu saía de casa com ela às 6h da manhã e a gente só voltava era quase final da tarde, porque eram muitos atendimentos. Aí chegou um momento que ela nem quis ir mais, chegava perto da Clínica de reabilitação auditiva, por exemplo, ela se pendurava no meu pescoço. Ela era bebezinha ainda né, criança de 2 anos ainda é um bebê né (risos) [...] e eu achava que ela tinha que ir, que eu tinha que levá-la em todos os atendimentos [...] (FA).

A partir das duas narrativas contadas pelas Famílias A e B, perante às escolhas feitas em quais abordagens terapêuticas iriam optar com base no que foi apresentado a elas, vimos que cada família recebeu orientações distintas. A família A teve orientações mais amplas, como, sessões de fonoaudiologia. No entanto, também foi encaminhada para outras instituições que ofertavam o ensino de Libras, o que oportunizou o acesso desde pequena à aquisição da Libras. Desse modo, a criança iniciou seu tratamento com fonoaudióloga concomitantemente com a Libras.

Já na família B, os caminhos ofertados foram outros. Assim que foi diagnosticado a surdez, foi aconselhado a cirurgia do implante coclear, a qual foi realizada quando ele tinha cinco anos. Nesse meio tempo, a Libras foi proibida de ser ofertada e, após alguns anos, a criança surda começou a aprender Libras.

Percebe-se que não há consenso entre os profissionais que atuam nas primeiras intervenções com as famílias de crianças surdas. Além disso, mesmo com os avanços nas pesquisas que envolvem língua de sinais, as quais apontam para a sua contribuição positiva para o desenvolvimento da criança surda, mesmo para aquelas que optam pelo implante coclear, ainda há uma resistência por parte daqueles

que atuam com esses procedimentos. Vale destacar uma pesquisa de Quadros, Cruz e Pizzio (2012) que comparou o desempenho de crianças bilíngues bimodais ouvintes (filhas de pais surdos) e crianças surdas com implante coclear em tarefas que envolvem a memória fonológica, onde os resultados indicaram que mesmo com as restrições de acesso à Libras, as crianças surdas implantadas conseguiram apresentar melhor desempenho na língua de sinais. De acordo com as autoras, isso demonstra que por ser uma língua acessível visualmente, ela oferece um acesso completo, uma vez que “as crianças surdas com implante coclear, apesar de passarem a ouvir, elas continuam sendo surdas, ou seja, elas continuam favorecendo o canal visual em relação ao canal auditivo” (QUADROS; CRUZ; PIZZIO, 2012, p. 208).

4.3 A língua de sinais no contexto familiar e as implicações da Libras no desenvolvimento dos adolescentes surdos

Nesta categoria, iremos apresentar como a língua de sinais é vivenciada pela família, se os familiares sabem Libras, como se dá essa comunicação no meio familiar e como se deu o aprendizado dessa língua. Também abordaremos sobre as implicações da língua de sinais no desenvolvimento desses sujeitos surdos, como foi no processo familiar e na parte educacional. Segundo a Associação (1999 apud NEGRELLI e MARCON, 2006), é por meio da comunicação que o ser humano convive e se interage na sociedade. A família é a base para a formação social do sujeito, nela onde se dará os primeiros laços, as primeiras interações, o primeiro canal comunicacional e comum. Com isso, sendo uma família ouvinte com um membro da família sendo surdo, esses laços comunicacionais podem estremecer e se desvencilhar caso não haja comunicação efetiva entre a família e o surdo.

[...] A gente iniciou o processo junto com ela né, eu parei de trabalhar para me dedicar a ela, meu marido continuou trabalhando pra poder sustentar a casa, então a gente optou por isso, justamente para dar esse suporte a ela. Então, eu comecei a aprender Libras junto com ela, fazendo oficinas, depois eu fiz curso na Fundação Catarinense de educação especial, fiz curso no IFSC, e a gente sempre tem que estar se atualizando, porque mesmo assim sempre estando em contato com o surdo, eu tenho uma capacidade imensa de esquecer sinais [...], então o contato precisa ser contínuo (FA).

No relato acima, a mãe da Família A citou a importância de aprender Libras junto com os seus filhos e reforça ser um aprendizado diário, ou seja, é preciso praticar a língua para que não se caia em esquecimento. As transformações na vida de uma

família com a chegada de uma criança surda acarreta em mudanças drásticas na família, principalmente na vida da mulher e agora mãe, sendo a mulher ainda a grande responsável pela criação dos filhos. Conforme Marcon (1999 apud NEGRELLI; MARCON, 2006), com a vinda de uma criança com surdez, os cuidados são maiores:

[...] então a gente precisa sempre estar buscando, sempre renovando nosso vocabulário. O contato com a Libras foi desde que a gente descobriu a surdez dela, a gente a acompanhou, meu esposo que é o pai dela, a irmã mais nova também vem vindo nessa rotina de usar Libras [...], mas a gente tem uma boa interação justamente por ter começado a aprender Libras junto com ela (FA).

Alguns pais ficam surpresos ao saberem que uma criança surda pode ter um processo normal de aquisição da linguagem comparadas a crianças ouvintes, mas para que isso aconteça é preciso que a criança surda tenha estímulos linguísticos na língua de sinais dentro de casa, ou nas sessões de terapia, ou em muitos dos casos até na escola, o que pode ocasionar assim uma aquisição tardia pelo fato de dos pais não saberem língua de sinais. Por isso, é importante esclarecer para os pais a importância de eles aprenderem a língua de sinais de seus filhos para que assim a criança tenha referência linguística em casa. É também importante apresentar para esses pais ouvintes, casos de crianças surdas filhas de pais surdos, onde o processo de aquisição de uma língua de sinais ocorre naturalmente, com parâmetros linguísticos e gramaticais próprios, oportunizando assim um pleno desenvolvimento cognitivo e social (QUADROS; CRUZ, 2011).

[...] eu sei o básico de Libras porque o meu filho conversa oralmente com a gente, então minha comunicação com ele em Libras é pouco, não é 100%, com a gente é oralmente mesmo. Também sempre tivemos essa coisa de corrigi-lo quando uma palavra no português se estava errado, a gente ia lá repetia e ele repetia palavra. Eu nunca fiz Libras assiduamente para conversar com ele só em Libras, e com o implante ele escuta, claro se ele estiver nervoso, ou têm algumas coisas que ele não entende (ouve), eu coloco a Libras junto (FB).

No relato da família B, foi exposto que a comunicação da família com o filho surdo se dá oralmente, pelo fato dele ser implantado e sempre ser estimulado a oralizar na família e também nas sessões de fonoterapia. Por outro lado, quando ele está na comunidade surda, a comunicação acontece por meio da língua de sinais.

Sobre o implante coclear, Santana (2005) diz que foi um avanço tecnológico, possibilitando à pessoa surda que ela possa ouvir. Os estudos realizados falam que em alguns casos com o implante, a pessoa surda pode ouvir não só os sons do ambiente, mas também a fala humana. Porém, enfatiza-se também sobre os

fracassos do implante coclear, sendo eles: a) a idade em que o surdo recebeu o implante, pois quanto mais cedo, mais sucesso terá; b) o implante atingir a audição primária, responsáveis por ruídos sem chegar na área de audição de fato; c) falhas na transmissão de fala, o que pode fazer com que não e não chegue de uma maneira correta para o surdo implantado; d) entre outros como enfatizam autores aparecimento de sequelas que podem acarretar após o implante feito. Sendo assim, é necessário que as famílias também conheçam essas realidades para entender que o implante coclear não significa, em muitos casos, que a criança está ouvindo plenamente e, conseqüentemente, está se desenvolvendo linguisticamente.

No trecho abaixo, é possível ver um contexto totalmente diferente do relato anterior. No relato exposto pela mãe da surda que teve contato com a Libras desde a descoberta da surdez de sua filha, ela comenta sobre o contato da filha com uma referência surda, sua professora do AEE (Atendimento Educacional Especializado). Foi com ela que a filha aprendeu o primeiro sinal em Libras, o sinal de cachorro e conta que mesmo sendo uma única palavra que a criança sinalizou, todos que estavam a sua volta entenderam que ela estava falando sobre os filhotes da cachorra da professora do AEE. Karnopp e Quadros (2001) dizem que usuários das línguas de sinais são capazes de mostrar e entender conjuntos intermináveis de frases, uma vez que língua de sinais possui estruturas gramaticais próprias como nível sintático, semântico, morfológico, fonológico e pragmático.

[...] O processo da Libras é igual ao processo da língua do ouvinte, ela demora um tempo até assimilar todo o vocabulário né, claro que cachorro não quer dizer uma frase né, mas já dá pra entender que ela falou cachorro, o contexto do cachorro às vezes pode ser várias coisas, então eu acho que ela demorou o mesmo tempo de uma criança ouvinte demora pra desenvolver o vocabulário né, claro que todo esse processo demora um pouquinho, pra criança ouvinte e também pra criança surda, desde que ela esteja em contato com a Libras, ela precisa ter esse contato que é bem importante, ela precisa ta tendo contato com o surdo, contato pra ter essa aquisição, para ter mais propriedade (FA).

Com a fala anterior da família A, podemos perceber o entendimento que a família tem sobre a língua de sinais e sobre o impacto dela na vida da filha surda. Sabemos que a Libras é uma língua natural, visual e espacial e é a mais adequada para uma criança surda, pois estudos concluíram que o processo de aquisição de uma língua de sinais por crianças surdas ocorre no mesmo período de uma aquisição de língua por crianças ouvintes. Autores também complementam dizendo que a língua de sinais não pode ser vista uma língua primitiva, ela é estruturada por uma gramática

própria, e é independente das outras línguas orais, falantes da língua de sinais são capazes de produzir um infinito conjunto de frases, às línguas de sinais evoluem com o passar do tempo como qualquer outra língua oral, a língua de sinais na sua maioria apresenta conceitos abstratos, unidades mínimas como configuração de mão, ponto de articulação e movimento (KARNOPP; QUADROS, 2001).

[...] exatamente, isso é engraçado, no mundo dos surdos ele é um e no mundo dos ouvintes ele é outro, quando ele com ouvintes ele não usa Libras, só quando está com os surdos [...] mas com o aprendizado da Libras ele teve uma evolução muito grande, de entender o real significado das coisas, como por exemplo dar um bom dia e saber o que significa um bom dia, obrigado, de nada. Foi através da Libras que ele aprendeu, se não fosse a Libras ele estaria perdido ainda (FB).

Com os relatos feitos pelas famílias nessas categorias, podemos ver dois contextos diferentes em relação ao acesso da família em relação à Libras e quais os meios comunicacionais utilizados pela família. Diante desses relatos, destacamos que com a aquisição de uma língua de sinais a todos os mecanismos associados a essa língua, fará com que o surdo se identifique com a comunidade surda e estabeleça sua identidade surda. Não é somente por pertencer a uma identidade social com seus pares, mas também se aceitar como surdo, ser usuário dessa língua e reconhecer que a língua de sinais é sua L1 (primeira língua). Ser pertencente a essa língua fará com que o surdo se desenvolva e estabeleça sua comunicação e interação com o seu meio, posterior a isso, a aquisição de uma L2 (segunda língua) poderá ser adquirida mais facilmente. Conforme cita Strobel (2008), é de grande importância a criança surda ter contato com surdos adultos, assim fará com que a criança tenha uma referência surda para estabelecer trocas e conhecimentos oriundos de uma mesma língua (PEREIRA *et al*, 2011).

4.4 A visão das famílias sobre a Libras e sobre sua importância nas escolas

Nesta última categoria, as famílias relataram suas visões sobre a Libras nas escolas e sobre a importância dessa língua ser inserida desde a educação infantil para as crianças surdas, pois se considera inegável que elas tenham o direito de adquirir sua língua. Dessa forma, é preciso ofertar a essa criança uma língua desde a tenra idade e assegurar que ela a desenvolva naturalmente, assim como o direito de educação em língua de sinais. Com isso, é preciso que haja a contratação de

profissionais fluentes em Libras para que de fato haja a interação entre as crianças surdas e os profissionais da educação (KARNOPP; QUADROS, 2001).

[...] meu tcc da pós graduação de educação infantil e anos iniciais é esse tema, né? Minha temática foi Libras já na educação infantil, porque nossa briga tem que ser isso, a Libras. Se a gente não lutar por eles quem o fará, se eu como mãe que amo e quero o melhor pra ela e pra todos os surdos sabendo que eles precisam. Claro que a gente, naquilo que a gente pode a gente busca né, nem tudo se consegue porque, às vezes, a gente não é ouvido, nós somos a minoria né, os que estão meio assim calados. Às vezes, a gente até é meio conformado com a situação também, que é coisa do brasileiro se conforma, ah deixa assim e vai se virando, daqui a pouco vai vir, vai dar certo, e não é (FA).

No relato da família B, é exposto também sobre a importância do ensino da Libras desde a educação infantil e ressalta a oferta não só para as crianças surdas, mas também para as crianças ouvintes, possibilitando assim que ocorra uma troca de conhecimentos e interação entre línguas. Sobre a Libras nas escolas, a Lei 10.436 no artº 2, fala sobre a garantia por parte do poder público em geral e serviços públicos de apoiar e o uso e difusão da Libras como meio de comunicação oriundas da comunidade surda brasileira, com isso ressalta-se a importância da Libras nas escolas públicas do Brasil. No entanto, é importante salientar que a educação bilíngue vai muito além das disciplinas de Libras nas escolas, e sim pensar no ensino em uma perspectiva da língua de sinais como primeira língua e do Português como segunda língua, além de outros aspectos educacionais envolvidos.

Ainda distante dessa realidade almejada, a família B se declara a favor do ensino da Libras desde a educação infantil.

[...] eu acho que a Libras tinha que vir igual o inglês, desde lá pequenininho, até porque teria mais inclusão social, para eles não se sentirem tão diferentes [...] eles aprenderiam a língua muito facilmente desde pequenos, eles se interagiriam entre uma as outras, eles não estariam perdendo nada [...]. As escolas deveriam incluir a Libras como outra matéria qualquer. Acho que seria maravilhoso os dois lados aprenderem, o ouvinte entenderia o surdo e o surdo entenderia os ouvintes, seria conhecimento a mais a língua (FB).

Nas duas narrativas acima, foi exposto a visão das famílias acerca da língua de sinais e sobre o que pensam da disciplina de Libras nas escolas, sobre ser uma disciplina não só para os surdos, mas para os alunos ouvintes e toda a comunidade escolar. É importante esse reconhecimento acerca da língua de sinais nas escolas, mas é fundamental que isso não se limite a inserção da Libras como disciplina. O que almejamos é que a língua de sinais se faça presente nos ambientes educacionais desde os primeiros anos de vida da criança surda, pois, para muitos, esse espaço é

um dos principais contextos de aquisição. Dessa forma, a escola torna-se uma grande aliada das famílias nesse desenvolvimento linguístico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa, foi possível analisar a participação da família na aquisição da língua de sinais e, sobretudo, quais os impactos que as escolhas familiares tiveram no desenvolvimento linguístico dos seus filhos surdos. Através das entrevistas, percebemos diferentes caminhos percorridos nesse processo, onde uma das famílias aderiu a todas as abordagens possíveis, como aparelho auditivo, atendimentos com fonoaudiólogo e a aquisição da Libras; enquanto a outra buscou a realização do implante coclear e a proibição do contato com a língua de sinais, nos primeiros anos de vida, por recomendações médicas.

Com base nos relatos, percebemos a carência da oferta de Libras desde a tenra idade para as crianças surdas e também programas que incluem a família no aprendizado dessa língua. Apesar de terem recebido orientações distintas, a (FB) fala sobre a importância da aquisição da Libras hoje para o seu filho, e se arrepende por não ter ofertado essa língua quando ele era pequeno, se ele tivesse aprendido desde cedo hoje ele estaria melhor desenvolvido. A (FA) reforça que a Libras sempre é a melhor opção, e a participação da família foi fundamental. Nesse caso, assevera-se a relevância de iniciativas que proporcionem informações para as famílias desde os primeiros momentos de diagnóstico da surdez, para que elas possam ter consciência de suas escolhas. Além da importância dessas orientações para garantir o desenvolvimento linguístico da criança, tais ações podem ser fundamentais para envolver a família nesse processo, por meio de propostas que incluam as famílias no aprendizado dessa língua. Svartholm (2014) diz que as pessoas em volta do surdo, incluindo a família, professores, médicos, especialmente aqueles responsáveis pela educação e saúde, precisam ser informadas sobre a importância de uma linguagem visualmente acessível a ele. Os resultados deste estudo apontam a necessidade desse diálogo desde os primeiros anos de vida da criança surda e não somente na fase da adolescência, como no caso de uma das famílias envolvidas. Nas entrevistas, as mães destacam a relevância da Libras no contexto escolar, mas é fundamental ressaltar que esse contato deve acontecer muito antes, no ambiente familiar, pois além de garantir o desenvolvimento linguístico da criança também favorece as

interações e trocas efetivas de comunicação, adequada à especificidade linguística da criança surda.

Por fim, enfatiza-se a necessidade de pesquisas voltadas para a relação da família com o processo de aquisição da língua de sinais, pois a partir de estudos como esses, torna-se possível identificar quais aspectos têm influenciado as escolhas e, conseqüentemente, impactado o desenvolvimento dos sujeitos surdos. Através disso, será possível pensar em ações mais eficazes e de forma integrada à área da saúde e educação.

REFERÊNCIAS

ALVES, Elizabete Gonçalves; FRASSETTO, Silvana Soriano. **Libras e o desenvolvimento de pessoas surdas**. Aletheia, n. 46, p. 211-221, jan.-abr. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942015000100017. Acesso em: 25 abr. 2021.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais**. Em Tese: Revista Eletrônica dos Pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC, [s. l], v. 2, n. 1, p. 68-80, janeiro-junho 2005. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>. Acesso em: 5 mar. 2021.

BRASIL. Constituição (2002). **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 24 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm Acesso em: 6 mar. 2021.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 7. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

GONÇALVES, Vanessa Batista. **Aquisição da linguagem: diferença entre crianças ouvintes e crianças surdas**. 2015. 22 f. Monografia (Bacharelado em Letras Português). Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/14815> Acesso em: 15 abr. 2021.

GROLLA, Elaine. **Aquisição da linguagem**. Material didático desenvolvido para o curso de letras-libras (UFSC). Florianópolis, 2009. 64 p. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/aquisicaoDeLinguagem/assets/541/Texto-base_Aqus._Ling.pdf. Acesso em: 21 mai. 2021.

_____; SILVA, Maria Cristina Figueiredo. **Para conhecer: aquisição da**

linguagem. São Paulo: Contexto, 2014.

INPUT. In: DICIO, **Dicionário Online de Português.** Porto: 7Graus, 2021.
Disponível em: <https://www.dicio.com.br/input/>. Acesso em: 4 abr. 2021.

KARNOPP, Lodenir; QUADROS, Ronice Muller de. **Educação infantil para surdos.**
In: ROMAN, Eurilda Dias; STEYER, Vivian Edite. (Org.). *A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: um retrato multifacetado.* Canoas, 2001, p. 214-230.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MORAES, Roque. **Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva.** *Ciência & Educação*, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.
Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/SJKF5m97DHykhL5pM5tXzdj/abstract/?lang=pt>.
Acesso em: 16 jun. 2021.

NEGRELLI, Maria Elizabeth Dumont; MARCON, Sonia Silva. **Família e criança surda.** *Ciência, Cuidado e Saúde*, Maringá, v. 5, n. 1, p. 98-107, 08 set. 2008.
Disponível em:
<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/5146>. Acesso em: 7 mai. 2021.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha et al (org.). **Libras: conhecimento além dos sinais.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

QUADROS, Ronice Müller de et al. **Língua Brasileira de Sinais: patrimônio linguístico brasileiro.** Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018. 211 p.

_____. **O paradigma gerativista e a aquisição da linguagem.** In: QUADROS, R.M. FINGER, I. (org.). *Teorias de aquisição da linguagem.* 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2017. 274 p.

_____; PIZZIO, Aline Lemos; CRUZ, Carina Rebello. **Memória Fonológica em crianças bilíngues bimodais e crianças com implante coclear.** *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012. 186-216. Disponível em:
<http://www.revel.inf.br/files/0bb2012c5e0acde671a087e69739aab9.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021

_____; CRUZ, Carina Rebello. **Língua de Sinais: instrumentos de avaliação.** Porto Alegre: Artmed, 2011. 159 p.

_____. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artmed, 1997.

RODRIGUERO, Celma Regina Borghi; YAEGASHI, Solange Franci Raimundo. **A família e o filho surdo: uma investigação acerca do desenvolvimento psicológico da criança segundo a abordagem histórico-cultural.** Curitiba: Editora CRV, 2013. 112 p.

SANTANA, Ana Paula. **O processo de aquisição da linguagem: estudo comparativo de duas crianças usuárias de implante coclear.** Distúrbios da Comunicação, São Paulo, v. 2, n. 17, p. 233-243, ago. 2005. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/issue/view/811>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SVARTHOLM, Kristina. **35 anos de Educação Bilíngue de surdos - e então?** Educar em Revista. Curitiba, Brasil. Edição Especial n. 2/2014. p. 33 - 50. Editora UFPR. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/RRXfNzCzjrGPwTD4jFchgdz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 mai. 2021.

VILELA, Alice de Fátima; MARTINS, Raquel Márcia Fontes. **Aquisição da linguagem por crianças surdas com pais ouvintes.** Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 8, n. 2, p. 633-657, maio-ago. 2019. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/issue/view/102>. Acesso em: 9 abr. 2021.